



A INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS NAS EMOÇÕES DE CRIANÇAS DE 6-9 ANOS NO CONTEXTO DA BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA

Sandra H. A. de Almeida¹; Beatriz Machado

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo conhecer a influência da contação de histórias nas emoções de crianças de 6-9 anos no contexto da brinquedoteca universitária. A importância está em criar um novo local, para a realização das atividades de contação de histórias, que é a brinquedoteca universitária. O espaço da brinquedoteca universitária, além de permitir aos acadêmicos de pedagogia, a sua formação lúdica, também é um espaço que a criança utilizar para aprender a conhecer-se, por meio das contações de histórias. A pesquisa assumiu a forma de pesquisa bibliográfica, e foi realizada por meio de consultas em literaturas e sites especializados; os principais autores que contribuíram para a pesquisa foram Bruno Bettelheim (2002), Betty Coelho (2002,2012), Cleo Bussato (2003), Andrea A. Natel (2007). A partir da pesquisa desenvolvida, levantamos que a brinquedoteca universitária é um espaço para a realização da contação de história, para crianças de 6-9 anos e que influencia nas emoções das mesmas.

PALAVRAS-CHAVE: Brinquedoteca Universitária; Contação de Histórias; Formação Lúdica do Pedagogo.

1 INTRODUÇÃO

Ao procurar compreender a importância da contação de histórias para o aspecto emocional infantil, é importante estar ciente que a contação é uma atividade lúdica que vem sendo utilizada pelos homens desde os seus primórdios, e que na atualidade, devido as grandes transformações na sociedade, na compreensão da infância e da educação, há uma retomada dos contos de fadas para estimular o desenvolvimento e aprendizagem infantil.

A criança do século XXI é compreendida como um cidadão, com direito à saúde, educação e bem estar, que deve ser promovido pelo Estado ou pela família da criança. Com esta noção, a escola teve que reorganizar os seus objetivos e também a forma como educar. O que solicitou pensar as novas estratégias para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, bem como do desenvolvimento infantil.

Para introduzir as novas estratégias, é necessário compreendermos a criança de 6-9 anos que frequenta a educação básica e as primeiras séries do ensino fundamental, para tanto utilizamos os teóricos da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, para fornecer as características da criança, compreendendo os seus aspectos afetivo, cognitivo e da sua aprendizagem.

Henry Wallon (apud, NATEL, 2007), contribuiu para o entendimento da afetividade infantil. Este teórico, elaborou as fases do desenvolvimento afetivo infantil, e ele identifica a criança de 6-9 anos na fase categorial. Tal fase está direcionada à parte cognitiva da criança e, ao mesmo tempo, que há a divisão entre o eu e o outro; o que irá permitir se perceber como sendo diferente do outro; rompe com o sincretismo entre ela e o outro.

De acordo com Natel (2007) Jean Piaget procurou entender o desenvolvimento cognitivo da criança, ele nos mostra a inteligência da criança de 6-9 anos, encontra-se no período das operações concretas (7 a 11 anos ou 12 anos), esta tendo as seguintes características: o surgimento da construção lógica, pois, a criança ao conseguir perceber o erro no meio da realização de uma atividade concreta, consegue reorganizar e refazer o processo de forma a concluir de maneira satisfatória. Como também, consegue exercer suas habilidades e capacidades a partir de objetos concretos.

Para Lev. S. Vygotsky (apud, NATEL, 2007) a aprendizagem e o desenvolvimento são processos interdependentes e ambos acontecem com a influência da cultura e das interações sociais realizadas pela criança. Além disso, a aprendizagem depende do outro que deve atuar como mediador entre o conhecimento e a criança, sendo por meio desta ação que a apropriação dos conhecimentos disponíveis na cultura é adquirida. O referido autor, busca no conceito de zona de desenvolvimento proximal, explicar a importância do outro no processo de aprendizagem, que se dá por meio da mediação.

A partir destes teóricos, temos que a criança de 6-9 anos, é capaz de utilizar a lógica e também, tem a separação entre ela e o outro, o que permite a atividade grupal. Somado a estas características, ela aprende com a mediação dos amigos e dos adultos.

Ao percebermos a criança de 6-9 anos, torna-se importante o resgate das atividades lúdicas no espaço escolar e no dia a dia das crianças. Surge a contação de histórias como uma estratégia lúdica de aprendizagem, que atende as necessidades da criança nesta fase do desenvolvimento.

¹ UNESPAR – Apucarana



O relato de histórias, permite ao educador não só estimular a aprendizagem infantil, mas também conhecer o mundo interior da criança, visto que, as alterações emocionais, estão relacionadas às questões externas e internas da mesma.

Para utilizar a contação de histórias, o pedagogo precisa ter tido uma formação que lhe crie condições de utilizar este valioso recurso que o permita, além disso, apropriar-se dos conhecimentos relacionados com tal estratégia. Conseqüentemente, há a necessidade de possibilitar aos pedagogos a formação voltada para o lúdico nos cursos de graduação. Assim, surgem as brinquedotecas universitárias, que servirão como um espaço para a realização de estudos e pesquisas voltadas para o lúdico, às brincadeiras e aos brinquedos.

O ambiente da brinquedoteca universitária, por ser acolhedor e voltado para as atividades lúdicas, torna-se um ambiente propício e de intensa relevância na realização das contações de histórias, espaço este que, poderá indicar a influência dos contos nas emoções das crianças de 6-9 anos. Dessa forma, a problemática da presente pesquisa bibliográfica foi a de verificar a influência da contação de histórias nas emoções infantis no espaço da brinquedoteca.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O artigo é resultado da realização da pesquisa bibliográfica exploratória, realizada no período de junho de 2014 até junho de 2015, desenvolvido por uma acadêmica do curso de Pedagogia da Unespar – Universidade Estadual do Paraná/ Campus Apucarana.

A pesquisa bibliográfica segundo Gil (1999, p. 65) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, assim, foram utilizados também artigos científicos localizados na internet. A partir do levantamento das literaturas específicas, foi possível analisar e interpretar os dados à luz do referencial teórico elaborado neste trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No contexto atual as crianças têm sido consideradas cidadãs, e portanto, com direitos à acessarem educação, saúde, bem-estar ofertadas pela família e pelo Estado. O que embasa esta condição é o grande avanço da medicina, a mudança na sociedade, reestruturação da família, as propostas educacionais voltadas para as características das crianças, avanço na legislação. Nem sempre a situação das crianças foi assim, só houve grandes mudanças a partir do século XVII e que prosseguiu até a atualidade.

As várias mudanças alcançaram a escola e conseqüentemente as propostas pedagógicas sofreram importantes alterações, bem como, as fundamentações da área da psicologia, que irão fortalecer os cuidados das crianças enquanto cidadãs.

As características consideradas pelos teóricos da psicologia abarcam os aspectos do desenvolvimento humano, entretanto, focamos as crianças na faixa etária de 6-9 anos. Os teóricos pesquisados foram: Jean Piaget (2007), Henry Wallon (2007) e Lev S. Vygotsky (2007).

Henry Wallon (2007) identifica que a criança de 6-9 anos está na fase categorial, que segundo Mahoney e Almeida (2005) tem como característica principal a diferenciação nítida do eu e o outro e dá condições mais estáveis para a exploração do mundo externo, físico. Consegue organizar o mundo em categorias, o que possibilita também a compreensão mais clara de si mesma.

Jean Piaget (2007) formulou que a criança no período operatório concreto, o pensamento apresenta-se de forma lógica, isto é, a capacidade da criança de estabelecer relações que permitam a coordenação de pontos de vista diferentes. No plano intelectual, surgem as operações, “a criança consegue realizar uma ação física ou mental dirigida para um fim e revertê-la para o seu início” (BOCK, 2001, p.104). Além disso, no aspecto afetivo, tem “o aparecimento da vontade como qualidade superior e que atua quando há conflitos de tendências ou intenções.” (BOCK, 2001, p.205) e, também, desenvolve a autonomia dos adultos, e volta-se para a interação com as demais crianças, fortalece as ações grupais, porém, sobre a cooperação, é desenvolvida ao longo do tempo.

Sobre a aprendizagem, Lev S. Vygotsky (2007) acredita que a aprendizagem tem papel importante no desenvolvimento infantil e que a criança ao nascer insere-se na cultura humana. Para ele, o processo de desenvolvimento do indivíduo acontece por meio do aprendizado, e este se dá no contexto sociocultural à medida que o indivíduo apropria-se dos conhecimentos da sua realidade cultural. Decorrente desse processo surge o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que Vygotsky utiliza para mostrar a importância do outro no processo de aprendizagem, e possibilita a compreensão da relação entre desenvolvimento e aprendizado.

Portanto, ao tentarmos compreender a criança e as suas necessidades, a contação de história – contos de fadas - surge como um recurso para acessarmos o mundo interno da criança: seus medos, angústias, alegrias e fantasias, tendo como base esse conhecimento é possível trabalharmos com o que está influenciando as suas emoções.

Dois contos de fadas famosos, Chapeuzinho Vermelho e Os Três Porquinhos, trazem respectivamente as seguintes morais: batalha entre o bem e o mal e a valorização do trabalho como algo significativo na vida do ser



humano. Ao utilizarmos os dois contos numa contação de história, iremos proporcionar às crianças a reflexão sobre tais temas.

Para a realização da atividade dos contos de fadas, é possível assumir várias formas que, segundo Coelho (2002), podem ser: simples narrativa com o livro, com gravuras; com flanelógrafo, com desenhos e; com interferência do narrador e dos ouvintes.

Nas pesquisas realizadas, ficou constatado que, a arte de contar histórias atravessa a evolução da humanidade, desde a antiguidade até os dias de hoje, mesmo antes de a escrita existir. Naquele tempo, a contação de histórias não tinha função artística e educacional como tem agora, na verdade tinha o objetivo de transmitir as crenças e tradições dos povos, pois era a única maneira utilizada para preservar os conhecimentos deles. Em alguns casos somente o contador de histórias nomeado é que poderia fazê-lo, geralmente as pessoas mais velhas da comunidade.

Hoje, essa arte vai muito além de apenas transmitir um costume ou acontecimento, o professor/narrador tem papel fundamental no estímulo da leitura, escrita e na aquisição dos novos conhecimentos da criança. Outro fator de extrema importância dessa arte é sua influência nas emoções das crianças, que por meio da interação com os contos de fadas consegue compreender-se como peça fundamental em seu próprio processo de construção e, entende-se inserido no meio em que vive. Torna-se, assim, um forte aliado do professor no processo educativo, por ter um aspecto lúdico que cativa a criança.

Para que a contação de histórias utilizada em sala de aula seja um apoio, o professor/narrador precisa assumir o papel de contador em sua totalidade; deve incorporar de tal maneira que, a criança também se sinta parte do enredo. Ao assumir essa postura de contador de histórias, o professor tem que se livrar do medo, da insegurança de errar e precisa envolver-se como sendo um personagem.

Há de se considerar que, o relato de histórias amplia os horizontes, tanto do aluno quanto do professor e abrange a criança em diversos aspectos. Cabe ao professor saber avaliar a intensidade com que as histórias influenciam cada criança em sua particularidade, podendo assim, intervir de maneira eficiente nas situações mais extremas do processo de ensino, pois, a partir daí, poderá oferecer oportunidades de aprendizagem significativa para a criança.

No contexto atual, a contação de histórias faz parte da proposta de formação lúdica dos pedagogos, o que irá solicitar dos cursos de Pedagogia a criação das brinquedotecas universitárias, para que se fortaleça o lúdico como recurso pedagógico, auxiliando assim o processo ensino-aprendizagem das crianças, seja no ensino básico ou fundamental.

O espaço da brinquedoteca universitária pode ser utilizado para a realização de contação de histórias – contos de fadas – pelos acadêmicos de pedagogia junto às crianças de 6 a 9 anos, com o objetivo de que os acadêmicos compreendam a importância deste recurso pedagógico para o desenvolvimento infantil.

4 CONCLUSÃO

O objetivo do projeto de iniciação científica foi o de identificar as influências das contações de histórias infantis na vida emocional das crianças de 6-9 anos tendo como local de realização uma brinquedoteca universitária.

A pesquisa apontou que a contação de histórias influencia no comportamento das crianças de 6-9 anos ao trazerem para as mesmas as lições de vida e que o espaço da brinquedoteca universitária, é viável para a contação de histórias infantis, firmando, também, a educação lúdica dos universitários.

Os teóricos da psicologia do desenvolvimento - Wallon, Piaget e Vygotsky – forneceram importantes informações sobre os aspectos emocionais e cognitivos, bem como da aprendizagem. Dessa forma, compreendemos que a criança de 6-9 anos possui capacidade intelectual para a lógica, porém ainda necessita da utilização de materiais concretos para conseguirem formularem o pensamento abstrato. Além disso, quanto às emoções, apresenta-se mais independente dos adultos e com condições de compreender a si mesma.

A contação de histórias ao ser utilizada para as crianças auxilia os professores a compreenderem o mundo interno do aluno, através da manifestação das emoções, por meio da moral que cada conto de fadas traz no seu conteúdo. Ao contar histórias, o professor/narrador tem em suas mãos o poder de envolver a criança de tal maneira que, suas emoções afloram, e assim a criança consegue expor seus pensamentos, seus medos, seus anseios e vontades. Através da contação de histórias se desenvolvem todos os sentidos do ouvinte, em especial a curiosidade, estimulando-os de forma positiva e significativa. Esse recurso explorado em sala de aula auxilia na formação da criança enquanto cidadã, enriquecendo sua aprendizagem, ampliando possibilidades de haver uma construção eficaz e produtiva acerca do desenvolvimento da aprendizagem. Desta forma, se cria uma vasta condição de compreender tanto o mundo que a cerca, quanto a si mesma.

Sendo assim, a contação de histórias, como recurso lúdico torna-se elemento de grande suporte para o professor, pois auxilia no processo ensino-aprendizagem de forma ativa. Através das histórias a criança é capaz de “viajar” pelas mais diversas dimensões de sua imaginação, consegue se permitir inovar e recriar planos e estratégias abstratas no processo de aprendizagem, é capaz ainda de sentir-se como parte integrante e de grande



relevância no meio e que está inserida e, a partir daí, atribuir significado às novas aquisições que faz no seu dia a dia.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica**: prazer de estudar: técnicas e jogos pedagógicos. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1978.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BOCK, Ana Mercês B. et al. **Psicologias**: uma Introdução ao Estudo de Psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2001
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias**: uma arte sem idade. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- COELHO, Nelly N. **O Conto de Fadas**: símbolos-mitos-arquétipos. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CORSO, Diana & CORSO, Mário. **Fadas no Divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MAHONEY, Abigail & ALMEIDA, Laurinda R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. In: *Psic. da Ed.*, São Paulo, 20, 1º sem. De 2005, p.11-30. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-69752005000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 jun 2015.
- MINGUET, Pilar Aznar. **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MORAIS, Suellem R. e S. et al. Henry Wallon: sua teoria e a relação da mesma com a prática. In: *Revista Ícone. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Vol.10. Ago 2012. Disponível em: < <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume10/primeirasletras/HENRIWALLON.pdf>>. Acesso: 19 ago 2015.
- NATEL, Andrea A. **A Formação Continuada para os Docentes do Ensino Fundamental em Relação ao Lúdico**. 2007.p.87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Pedagogia) – FATEB – Faculdade de Telêmaco Borba, Telêmaco Borba.
- TEIXEIRA, Cristiana B. & GARCIA, Moisés. **Análise Psicológica dos Contos de Fadas**: chapeuzinho vermelho na contação de histórias para crianças da primeira série do ensino fundamental. Relatório de Iniciação Científica (PIIC). Faculdade Jandaia do Sul, Jandaia do Sul, 2013.